

2

Abre-se a correspondência beckettiana

“Não gosto da publicação de cartas.”¹ Essa foi a resposta inicial que Beckett deu a Alan Schneider quando este expressou seu desejo de publicar um artigo com trechos da correspondência trocada entre os dois a respeito de sua peça ainda por estreiar, *Fim de Partida*. Schneider era o diretor e queria evitar que o obscuro universo beckettiano fosse mal recebido, ou simplesmente incompreendido, pelo público, tal como aconteceu quando da estreia de *Esperando Godot*. A posição de Beckett ficou ainda mais firme com o passar dos meses, “Prefiro que estas cartas não sejam republicadas e, muito francamente, caro Alan, não quero que nenhuma de minhas cartas, para quem quer que seja, venha a ser publicada onde quer que seja, nem agora nem no futuro distante”². Essa era a década de 50 e o tal artigo, de fato, nunca chegou a ser publicado.³

De lá para cá, no entanto, muito mudou. Beckett caiu no gosto do público e da crítica, foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura⁴, e viu suas antes rejeitadas peças serem encenadas em palcos do mundo todo. Mas, mais importante do que isso – para o presente estudo, é claro –, surpreendendo a todos, o escritor autorizou, em 1985, a publicação de sua correspondência. Foi então que um homem excepcionalmente privado, que se recusava a dar entrevistas e a discutir seus escritos, despertou ainda mais a curiosidade daqueles que desejavam lê-lo para além de sua ficção. Começava, na década de 80, um longo e difícil processo.

A ideia era que sua correspondência fosse reunida em vida e publicada após sua morte. Beckett não tinha interesse em dirigir a edição, tal encargo não seria levado a cabo por ele. Nomeou, portanto, em fevereiro de 1985, os editores responsáveis pela reunião e publicação de sua correspondência, pessoas com quem já havia trabalhado e que conheciam bem sua obra. Barney Rosset, amigo de longa data, seu editor americano e, na época, Presidente da *Grove Press*, foi

¹ BECKETT apud LANE, *Waiting: Samuel Beckett's life in letters*. A tradução para o português é nossa.

² BECKETT apud MCCUELSSUE, *No Author Served Better*. A tradução para o português é nossa.

³ Quase 50 anos após as referidas recusas, entretanto, chegou às livrarias, em 1998, *No author better served: the correspondence of Samuel Beckett and Alan Schneider*. A troca de cartas entre autor e diretor tinha como tema primordial a encenação de suas peças.

⁴ Contrariando a todas as expectativas, Beckett derrotou o candidato favorito daquele ano, Normal Mailer. Aveso a aparições públicas e a mídia em geral, ele não comparece à premiação – se isola com sua mulher na Tunísia –, mas envia seu editor francês, Jérôme Lindon, para receber o prêmio em seu nome. Sua mulher descreve a vitória como uma “catástrofe”. O dinheiro ganho com o prêmio é distribuído entre amigos que dele necessitavam.

nomeado como editor geral das cartas; Martha Dow Fehsenfeld, co-autora de *Beckett in the Theatre*, lançado em 1988, mas que começou a ser preparado em 1976, ano em que conheceu Beckett, foi escolhida como editora; e a sugestão de Lois More Overbeck, então editor de *The Beckett Circle*, para assumir o papel de editor associado, foi aceita pelo autor. A essas pessoas expressou sua condição: das cartas, deveriam ser publicadas “apenas as passagens relacionadas ao meu trabalho”⁵. Pouco mais de três anos depois dessa genérica declaração, sem que o corpus da edição tivesse sido definido por completo, o escritor faleceu em Paris⁶.

O projeto “The Correspondence of Samuel Beckett” é grandioso. Tem por escopo abranger sessenta anos da vida do escritor, começando em 1929, quando ele tinha apenas 23 anos, e se estendendo até sua morte, em 1989. Para fazer jus a tantos anos de sua vida, cartas dos mais diversificados teores deveriam ser trazidas e, assim, um verdadeiro panorama de destinatários foi se construindo. A gama deles varia de amigos íntimos a colaboradores ocasionais, como editores e tradutores, ou professores, críticos, estudantes e leitores, com maior frequência de uns sobre outros, dependendo da época de sua vida e do alcance de sua obra. A pedido do próprio Beckett, os editores foram em busca de seus correspondentes. Entrevistaram os próprios – quando ainda vivos –, seus familiares e amigos e, com eles, leram as cartas, pedindo, quando necessário, esclarecimentos sobre fatos, pessoas e lugares mencionados. Em certos casos, arquivos bibliográficos e históricos também tiveram que ser consultados. Encontraram, em maior número, cartas escritas à mão – com sua característica difícil caligrafia –, e outras datilografadas. Rasuras, correções e emendas também foram notadas, mais naquelas escritas à máquina do que nas compostas à mão. Entenderam que, para Beckett, qualquer tipo de papel parecia propício para a escrita de uma carta, desde uma página arrancada de um caderno, a envelopes ou versos de convites. Foram, dessa forma, passando a conhecer o dedicado e profuso correspondente que ele era.

Beckett fazia questão de responder sua própria correspondência, com poucas exceções, como no fim da década de 40, quando Suzanne Deschevaux-

⁵ SB para Martha Dow Fehsenfeld, 18 de março de 1985 (coleção privada). Transcrita em “General Introduction”, TLSB, p. xiv.

⁶ Seu estado de saúde passa a declinar em 1986, quando começa a sofrer de enfisema. Em 11 de dezembro de 1989, Beckett entra em coma e morre no dia 22 de dezembro. Ele está enterrado no cemitério de Montparnasse, ao lado de sua esposa, que havia morrido aproximadamente seis meses antes.

Dumesnil, sua parceira da vida toda e futura esposa – só vieram a casar-se formalmente em 1961 –, representou seus interesses nas primeiras negociações com *Les Éditions de Minuit*. Em 1950, Beckett assina um contrato de exclusividade com essa que permanecerá a editora de suas obras francesas pelo resto de sua vida. Jérôme Lindon, dono de *Les Éditions de Minuit*, seu editor francês e a essa altura seu amigo, também chegou a minutar algumas cartas referentes a questões jurídicas ou comerciais, para sua assinatura. Podemos citar também A.J. Leventhal, amigo que no final da década de 60 também o auxiliou na escrita de suas cartas. E, mais para o fim de sua vida, quando viria a ser mais abundantemente requisitado por conta do sucesso, e também quando os problemas de saúde e, em especial, de vista, o acometiam mais fortemente, ele rascunhava algumas notas para que *Les Éditions de Minuit* respondessem determinadas cartas em seu nome.

Após uma larga pesquisa, os editores encontraram e transcreveram mais de 15.000 cartas, das quais, 2.500 serão publicadas por completo, e outras 5.000, citadas nas notas. *The Letters of Samuel Beckett* não é, portanto, uma edição completa de suas cartas, mas sim, seletiva. Foram três os fatores que assim a definiram: os termos da autorização dada por Beckett; a impossibilidade de fixar um corpus definitivo após sua morte; e as dificuldades práticas de se publicar em meio impresso um material que demandaria vários volumes se publicado na íntegra. O primeiro e o segundo fatores mencionados mostraram-se difíceis obstáculos à empreitada com a qual os editores se comprometeram. E foram duas as décadas que presenciaram os acalorados debates que precederam a presente edição.

A condição expressa por Beckett quando da autorização da publicação de sua correspondência já foi aqui mencionada: “apenas as passagens que tenham relação com o meu trabalho”. Como o próprio já não estava mais aqui para esclarecer o que tal declaração abrangeria, coube a Jérôme Lindon, representante literário do espólio, fazê-lo. Para a infelicidade dos editores, ele tinha uma visão bem restrita daquilo que nas cartas teria “relação” com o trabalho beckettiano; seriam, na sua opinião, apenas aquelas passagens que mencionam especificamente publicações, ou a obra como um todo. Os editores das cartas, por outro lado, viam-nas como verdadeiros e significantes atos de escrita do autor; reconheceram como influentes e primordiais sobre o trabalho de Beckett, as leituras que fazia, as obras de arte que contemplava, as relações que mantinha com escritores e artistas, além das questões físicas e psicológicas que permeavam sua vida. Para eles, vida e obra

estariam intrinsecamente ligadas. Aquilo que, a princípio, poderia ser tido como inteiramente pessoal em uma carta, poderia vir a aparecer, anos mais tarde, praticamente inalterado em um trabalho publicado. Os editores constataram que passagens marcadamente literárias de sua correspondência frequentemente emergiam de sensações e vivências íntimas que Beckett desejou compartilhar com seus interlocutores. Até 2001, ano do falecimento de Lindon, ele e os editores ainda não haviam chegado a um acordo nesse sentido. Foi só com a subsequente nomeação de Edward Beckett, sobrinho do escritor, como novo representante literário do espólio, que os editores conseguiram ver suas reivindicações atendidas. E, finalmente, em novembro de 2005, o contrato final entre espólio e editores foi firmado⁷.

Como ficou claro nesses conturbados vinte anos, distinguir uma linha nítida que separasse o escritor, da pessoa, o trabalho, da vida, não era tarefa das mais fáceis. Mesmo com o sobrinho do autor disposto a apoiar as decisões e o julgamento dos editores, era preciso criar princípios de seleção, já que selecionar é inevitavelmente interpretar. Diante da abundância de sua correspondência e da infinidade de profissionais envolvidos no processo de reunião e seleção das cartas, algum tipo de procedimento objetivo de escolha deveria ser definido. Foi assim que surgiram as perguntas que direcionariam as escolhas a serem feitas pelos editores, dentre elas:

“A carta registra um evento memorável na vida profissional de Beckett? A carta revela Beckett como escritor? A carta representa as relações de trabalho que Beckett tinha com seus colegas? Ela oferece uma luz sobre suas leituras e sua escrita?”, “A carta ilumina a obra?”⁸.

Os editores queriam que o contato dos leitores de *The Letters of Samuel Beckett* com a correspondência beckettiana fosse o mais fiel possível àquele vivido pelos seus destinatários originais. Assim, exceto no caso de erros tipográficos óbvios (como *overtype* e espaços duplos) não há, na publicação, emendas silenciosas. Tudo o que foi adicionado pelos editores vem entre colchetes,

⁷ A lacuna de vinte anos entre a primeira autorização dada por Beckett e a assinatura final do contrato se deu também por outros fatores. Dentre eles, questões jurídicas envolvendo a editora *Grove Press*. Um mês após a autorização de Beckett, em março de 1985, a *Grove Press* foi vendida para a *Weidenfeld and Getty*. Pouco mais de um ano depois, Barney Rosset foi exonerado do seu cargo de Presidente da *Grove Press* e iniciou uma ação contra a *Weidenfeld and Getty*, por quebra de contrato. Os editores seguiram com sua pesquisa, mas foi somente quando essa questão legal foi resolvida que se sentiram seguros de que a *Grove Press* era, de fato, a proprietária do contrato e puderam, assim, partir em busca de recursos para dar continuidade ao trabalho para a publicação. Em 1993, a *Grove Press* se fundiu com a *Atlantic Monthly Press*, tornando-se a *Grove/Atlantic Inc.*

⁸ TLSB, “General Introduction”, p. xxi.

precedido por um ponto de interrogação, assinalando que aquelas não são palavras ou dados fornecidos pelo próprio Beckett – isso se aplica, inclusive, a erros de ortografia (os não intencionais apenas), que eram constantes especialmente no que tange aos nomes próprios. São raras as emendas desse tipo e, quando presentes, pretendem esclarecer ambiguidades que dificultariam a compreensão da carta ou o contexto em que foram escritas. É o caso, por exemplo, das datas em algumas cartas. Por vezes, acontecia de Beckett datá-las incorretamente, especialmente no início de um ano novo, ou então, de só fazer constar nas cartas a hora ou o dia da semana, no caso daquelas escritas logo após uma reunião e naquelas trocadas com um “bate e volta” mais frequente. Nesses casos, as datas fornecidas pela edição, o são entre colchetes e aquelas que não puderam ser definidas mais precisamente, indicam apenas o período dentro do qual se presume que ela foi enviada.

Visto que Beckett raramente incluía o nome e o endereço do destinatário no corpo da carta, elas são, na publicação, prefaciadas pelo nome do destinatário, além do local em que a carta foi escrita. Uma nota bibliográfica vem após cada carta, descrevendo o documento – se escrito de próprio punho ou com o auxílio de uma máquina; se consta sua assinatura, ou apenas suas iniciais; se trata-se de um cartão postal ou de uma carta; e se há algum anexo; além de informações como o número de folhas e lados da carta. Essa nota registra também quaisquer anotações feitas no documento por outras mãos que não a de seu remetente, além de eventuais danos que comprometam a sua legibilidade – as condições de conservação das cartas, assim como seus proprietários, variam muito.

As cartas são apresentadas em seus idiomas originais. Beckett as escreveu majoritariamente em inglês (65%), seguidas daquelas em francês (30%) e, por fim, em alemão (5%). Os motivos para a escolha da língua de cada carta variam. Ela pode ser definida por questões práticas, como quando escreve na primeira língua do destinatário, ou em uma língua comum a ambos; por questões pessoais, quando, por exemplo, escreve para Thomas MacGreevy, principal correspondente e confidente de sua juventude – e irlandês como ele – em francês, para proteger a privacidade de suas trocas –; ou, ainda, por questões estéticas, quando parece querer brincar com a língua – prática essa que mais à frente iremos discutir. As traduções das cartas escritas em francês e alemão, para o inglês, vêm em seguida⁹.

⁹ O tradutor do francês é George Craig, um irlandês que seguiu o mesmo percurso acadêmico que Beckett, vindo do *Trinity College Dublin* para a *École Normale Supérieure* em Paris. A tradutora do

Diferente tratamento, no entanto, se dá às palavras e expressões em línguas que não a língua dominante das cartas traduzidas para o inglês. Essas são mantidas no corpo da carta em sua língua original, e sua tradução consta das notas.

O objetivo dos editores era deixar que as cartas falassem por si próprias, preservando as marcas dos hábitos e idiosincrasias beckettianos. Não raro a riqueza de sua linguagem e sintaxe, seu conhecimento de diversas línguas e seu sabido interesse em misturá-las, bem como sua curiosidade etimológica e imenso vocabulário, tornam sua leitura trabalhosa – todos esses fatores, aliás, são motes para o presente estudo. Além das questões linguísticas que podem obscurecer sua interpretação, as diversas referências das quais Beckett se utiliza – desde lugares a pessoas e obras da literatura e das artes visuais em geral –, podem tornar as cartas ainda mais criptográficas. “*Não sabia que lhe havia escrito indelicados criptogramas*”, escreve Beckett certa vez, “*e sinto muito, do fundo do coração, se o fiz*”. E apesar de prometer tentar, “*a partir de agora vou tentar ser claro & agradável*”¹⁰, isto parecia fugir à sua tão própria maneira de escrever.

Ademais, o compromisso dos editores de se intrometer o mínimo possível tinha sido acordado com o próprio Beckett. Nas conversas iniciais sobre a publicação, ele pediu, “Sem comentários, por favor”, ao que os editores retrucaram, “Sem comentários, mas tem que haver contexto”¹¹ e com isso ele concordou. Assim, sempre que possível, o tal “contexto” se dá na forma de citações de outras cartas, nas notas. Mas na maioria dos casos, as notas são formuladas pelos próprios editores que – dizem eles – pretenderam anotar apenas o que fosse “indispensável para o entendimento das cartas”, adotando o que eles chamaram de uma tendência ao “*approach* minimalista”¹².

No entanto, uma rápida folheada pelo primeiro volume de *The Letters of Samuel Beckett* é suficiente para se perceber que o tal *approach* está longe de ser minimalista. Conforme questionou Gabriel Josipovic, “parece haver tantas páginas de notas quanto há de cartas e, considerando que a fonte em que as notas foram impressas é menor do que a das cartas, deve haver nelas duas vezes o número de

alemão, por sua vez, é Viola Westbrook, de nacionalidade alemã e especialista em psicologia linguística – uma curiosidade: sua mãe conheceu Beckett quando este visitava Hamburgo em 1936.

¹⁰ SB para Mary Manning Howe, 13 de dezembro de 1936. TLSB, p. 396.

¹¹ TLSB, “General Introduction”, p. xxiv.

¹² TLSB, “General Introduction”, p. xxv.

palavras.”¹³ Os próprios editores parecem ter ciência desse fato quando declaram seu minimalismo nas notas para, logo em seguida, advertirem, “apesar de não o parecer devido à complexa natureza do material”¹⁴. Sem querer aprofundar-nos aqui nessa crítica, limitamo-nos a concordar com os editores que, em se tratando de Beckett, a quantidade do que pode ser “indispensável para o entendimento” daquilo que escreve, mesmo em sua correspondência, é incalculável.

Como já havíamos mencionado, seria editorial e fisicamente impossível condensar as 2.500 cartas selecionadas – além das 5.000 a serem citadas – em apenas um volume. E não é só. Uma tal empreitada levaria ainda mais uma década, no mínimo, para ser concluída. Ainda não há, por exemplo, uma previsão para o lançamento dos demais volumes (II, III e IV) e ao lermos o Volume I entendemos que não faz sentido restringir os interessados leitores de um material já tão extenso e denso e pronto. Portanto, os editores acharam por bem dividir a publicação das cartas em quatro volumes, respeitando os seguintes períodos: Volume I, de 1929 a 1940; Volume II, de 1945 a 1956¹⁵; Volume III, de 1957 a 1969; e, por fim, Volume IV, de 1970 a 1989. Considerando que, até a presente data, somente o Volume I foi publicado, é sobre ele que vamos nos debruçar.

2.1. Deslocamentos/bifurcações possíveis

Na intenção de, agora sim, adentrar efetivamente o universo da correspondência beckettiana, optamos por começar e demarcar o trajeto do presente estudo a partir da primeira carta apresentada e transcrita na publicação. Apesar do Volume I dedicar-se à sua juventude, é um Beckett maduro que escreve o texto abaixo. Trata-se da fundamental carta-autorização:

¹³ JOSIPOVICI. *Letters from Beckett: Great as a playwright, novelist and poet, Samuel Beckett also wrote letters of enduring worth*. A tradução para o português é nossa.

¹⁴ TLSB, “General Introduction”, p. xxv.

¹⁵ De 1941 a 1944, o mundo presenciou a Segunda Guerra Mundial. Beckett serviu a Resistência Francesa e escapou da Gestapo fugindo para Roussilon, parte da França inocupada. A correspondência desse período se restringe a telegramas oficiais para sua família e não possuem qualquer menção ao seu trabalho. TLSB, “General Introduction”, p. xxvii.

Paris, 18/3/85

Cara Martha,

Obrigado por sua carta de 20 de fev.

Eu tenho sim confiança em você & sei que posso contar com você para editar minha correspondência na forma acordada com Barney, i.e., sua redução a somente aquelas passagens que tenham relação com o meu trabalho.

Esse seria um trabalho de grande dificuldade e fico aliviado em pensar que ele está em mãos tão delicadas e capazes como as suas.

Espero que possamos nos encontrar em Paris antes que seja muito tarde & conversar a respeito.

Seu sempre,

Sam¹⁶

À sua, aqui já várias vezes citada, restrição quanto à publicação das cartas, “somente aquelas passagens que tenham relação com o meu trabalho”, vamos retomar mais um importante, e também já mencionado, pedido de Beckett aos editores, “sem comentários, por favor”, para criar, a partir de divergentes significações e combinações para tais frases, uma abordagem nossa à sua correspondência. É importante que fique claro que não pretendemos realizar uma leitura dessas declarações fazendo jus especificamente à interpretação de Jérôme Lindon, de Edward Beckett, nem a dos editores, mas sim a uma forma particularmente beckettiana de ver a língua(gem) e brincar com ela, forçar-lhe os limites.

Assim, começemos por refletir a respeito da palavra “trabalho”. É provável que o Beckett que a escreveu, do alto de seus 79 anos, então com uma obra e carreira literária consolidadas, tenha querido nela abarcar o trabalho que o consolidou, seus romances, novelas, peças e também seus poemas. No entanto, após uma leitura sistemática, especificamente, do primeiro volume de suas correspondências, fica claro que o jovem que as escreve, diferentemente do homem maduro que dá uma tal autorização, ainda está em busca de uma estabilidade profissional, sem grandes certezas quanto ao que será de seu futuro.

No período de 1929 a 1940, acompanhamos um Beckett que, aos trancos e solavancos, como a maioria dos jovens de sua idade – ele começa as cartas (publicadas) com 23 anos –, ainda está imaginando um possível destino para sua existência. Está na busca de sua independência, quer sair do seio familiar, de sua cidade natal, e tomar o mundo. Como ele o fará ainda não está claro, nem mesmo

¹⁶ SB para Martha Dow Fehsenfeld, 18 de março de 1985 (coleção privada). Transcrita em TLSB, “General Introduction”, p. xiv.

para ele. Assim, serão muitos e diferentes os caminhos profissionais tomados e cogitados pelo jovem Beckett.

No início das correspondências, ele dá aulas. Apesar de não fazê-lo com prazer, tem grandes dificuldades em desvencilhar-se desse universo acadêmico que o acolhe nos primeiros anos. Já na intenção de tornar-se escritor – além dos ensaios *Dante... Bruno. Vico... Joyce.*; e *Proust*, escreve *Dream of Fair to Midling Woman*, *More Pricks Than Kicks*, *Echo's Bones and Other Precipitates* (dentre outros poemas aí não incluídos) e *Murphy* –, e sentindo na pele e no bolso, as dificuldades de uma tal carreira, vai estar constantemente à procura de “bicos” para sustentar-se; são traduções, revisões, resenhas para jornais e periódicos, ocupações distantes de um emprego formal. Até mesmo os – para ele, indesejados – trabalhos com carteira assinada passam por sua cabeça e cartas. Ao longo dessa primeira década, ele está mais para um aspirante a escritor, penando na busca por editores para publicar seus escritos, além de um recorrente candidato às mais diversas vagas profissionais, a fim da sonhada independência financeira.

Voltando à debatida autorização beckettiana, na hipótese de tomarmos o vocábulo “trabalho” de uma maneira mais ampla, considerando ser esse uma ocupação contínua de recorrente e profunda dedicação, na qual a pessoa mergulha de corpo e alma, não medindo esforços para tanto, nem contando o dinheiro que ele lhe gera, mas importando-se, mais do que isso, com o prazer que dele provém, é outro o “trabalho” que identificamos nesse jovem Beckett. Ele seria algo mais próximo de uma necessidade, de uma vocação, e nada parece agradar e intrigar tanto o correspondente desse período como a própria língua.

Vislumbramos na escrita dessas cartas um fundamental e gratificante exercício para a linguagem, a dicção ainda em construção, de seu autor. Elas parecem ser um lócus propício para as mais diversas experimentações linguísticas, semânticas e discursivas. Vemos, em sua correspondência, Beckett abusar da língua, testar seus alongamentos, alargar espaços predefinidos, comprimir idiomas, movimentar expressões e registros. Nas cartas, ele tem especial liberdade para atentar contra a ortografia, a gramática, a sintaxe e os clichês. Seus destinatários mostram-se como um laboratório perfeito para seus incipientes experimentos. A nosso ver, esse “trabalho” – muito mais performativo do que teórico ou formal – de correspondente, de cientista maluco da língua, é a principal ocupação do jovem Beckett e, portanto, também a nossa principal ocupação no presente trabalho.

Retomando seu pedido aos editores, “sem comentários”, também são dois os caminhos que a seu respeito aqui pretendemos seguir. Quando da acepção de “trabalho” por um viés mais literal – a primeira significação acima considerada –, vamos nos dedicar apenas a enumerar os empregos que ocupou, além daqueles que imaginou possíveis, restringindo-nos a contextualizá-los, tal como os editores haviam acordado com o escritor. Já no que concerne ao significado mais performativo de “trabalho” desses jovens anos – a segunda interpretação construída por nós – seremos menos respeitosos com seu pedido. O Beckett-correspondente que faz das cartas o espaço ideal para testar a linguagem, nos soa irresistível e é precisamente por todo o respeito que temos por ele, que vamos debatê-lo e dedicarmo-nos ao seu estudo mais profundamente. Assim é que passamos, em seguida, a explorar as desviantes vias que podem nos levar a um rumo logoclasta.

2.1.1. “minha condição de desempregado”¹⁷

Antes de passearmos pelo conturbado percurso profissional – aqui, ainda, ao pé da letra – do Beckett das cartas, consideramos por bem fazer uma rápida viagem ao passado imediatamente precedente ao marco inicial de sua correspondência publicada. Isso porque é anterior ao ano de 1929 o começo de uma prática de deslocamentos – geográficos e profissionais – que se tornará característica de sua juventude.¹⁸

Em 1926, Beckett visita a França pela primeira vez e, no seu retorno ao *Trinity College Dublin* (“TCD”), conhece o novo *Exchange Lecteur* de francês, Alfred Péron. Um ano mais tarde, após um *tour* pela Itália – com passagens por Veneza e Florença¹⁹ –, ele completa seus estudos em línguas modernas – francês e italiano –, como primeiro da turma. Recomendado por seu mentor acadêmico no TCD, Rudmose Brown, vai dar aulas de inglês e francês no Campbell College, Belfast. Findos dois semestres, Beckett volta para Dublin e segue para Kassel²⁰, na

¹⁷ SB para Thomas MacGreevy, 9 de outubro de 1933. TLSB, p. 166.

¹⁸ Não há em sequer uma das mais de oitocentas páginas do Volume I de TLSB qualquer menção aos motivos que teriam levado os editores a estabelecerem o ano de 1929 como ponto de partida para a publicação da correspondência beckettiana.

¹⁹ Em Florença, vai se aproximar da família de Bianca Esposito, sua professora de italiano desde 1926 – ainda em Dublin – com quem terá o deleite de ler e estudar Dante em sua língua original.

²⁰ São recorrentes as temporadas que Beckett passa em Kassel com sua tia, Cissie Sinclair, e o marido, Boss Sinclair, nesses primeiros anos. Ele só deixará de visitar anualmente a cidade quando do retorno da família Sinclair para Dublin, após a morte de sua prima Peggy Sinclair, com quem assume-se que tenha tido um rápido envolvimento amoroso em 1933.

Alemanha, onde permanecerá até sua ida para Paris. Retornará à cidade francesa, em novembro de 1928, para assumir o cargo de *Exchange Lecteur* de inglês na *École Normale Supérieure* (“ENS”). Seu antecessor no posto, Thomas MacGreevy, lhe apresenta a James Joyce e o introduz ao círculo literário-artístico parisiense da época.

Apesar de não ter particularmente gostado da breve experiência de lecionar – especialmente em Belfast, em uma escola de nível elementar –, uma das primeiras cartas da publicação mostra um Beckett ainda disposto a seguir a carreira acadêmica em Paris:

Paris, 10/5/29

Senhor Diretor,
 Escrevo-lhe na esperança de que o senhor ratifique meu desejo de passar o próximo ano acadêmico na École como Professor de inglês.
 Meu trabalho pessoal será a preparação de uma tese para o Doutorado da Universidade de Paris.
 Atenciosamente,
 Samuel B. Beckett²¹

Sua renovação na ENS é aceita, mas, ainda assim, ele permanece em Dublin até o fim de novembro desse ano, no aguardo da chegada do novo *Exchange Lecteur* da TCD para, somente então, poder voltar a Paris. Mediante o fim de seu contrato com a ENS, em meados de 1930, deve mais uma vez voltar a Dublin para reassumir seu posto no TCD. Quanto a esse indesejado retorno, lemos, “*Não tenho [...] coragem de voar para a Itália como eu poderia, e deixar Trinity & todos seus trabalhos irem para o inferno*”²². Essa covardia, como veremos, vai assombrá-lo, “*Por quanto tempo isso vai se arrastar, [...], não tenho a menor ideia*”²³.

Em Dublin, já com a publicação de seu ensaio *Proust* engatilhada, Beckett pede a seu editor para fazer nele alterações, pedido esse acatado, mas nunca realizado por seu autor, “*Eu o terminaria em dois dias se ao menos estivesse livre dessa grotesca comédia de dar aulas*”²⁴. Alguns meses depois, reafirma o desdém pela profissão, “*Eu não me dou bem com minhas aulas e isso me lisonjeia e acentua meu orgulho e faz com que eu sinta que a comédia da Sorbonne era uma*

²¹ SB para Ernest Vessiot (Diretor da *École Normale Supérieure* de Paris), 10 de maio de 1929. TLSB, p. 9 (originalmente redigida em francês).

²² SB para Thomas MacGreevy, entre 18 e 25 de julho de 1930. TLSB, p. 32.

²³ SB para Thomas MacGreevy, 14 de novembro de 1930. TLSB, p. 54-55.

²⁴ SB para Charles Prentice, 27 de outubro de 1930. TLSB, p. 53.

*afirmação de algum tipo de realidade*²⁵. Realidade essa na qual parecia não se encaixar, “*Eu não quero ser um professor (é quase um prazer contemplar a bagunça desse trabalho)*”²⁶.

Com frequência, veremos seu desejo de fuga profissional atrelado ao de uma fuga física, “*Pensar em dar aulas novamente me paralisa. Acho que vou para Hamburgo, de barco, assim que receber meu cheque de Páscoa & gastar minha substância por um mês e talvez esperar pela coragem de desprender-me*”²⁷, escreve ele, ou ainda, “*Ando pensando com minhas aulas & aguardo impientemente o fim do semestre, quando espero poder partir para Hamburgo*”²⁸, e novamente, “*Eu estava esperando escapar no Natal – até para Paris, se não para a Alemanha – [...]. Acho que isso não será feito. Acho que nunca mais vou escapar agora. Serei renomeado (sauf scandale) dessa vez por 2 anos & vou dedicar-me à incompetência professoral. Realmente acredito nisso. Sem muito arrependimento*”²⁹.

Mesmo ganhando cada vez mais certeza de que seu lugar não era na academia, a inércia o toma, ele procrastina sua saída, teme informá-la a seu mentor, e vemos crescer nele uma apatia que transborda o âmbito profissional e invade o pessoal,

*“não tenho ideia de quando vou partir ou se algum dia o farei. Não disse nada a Ruddy – a velha covardia de manter as mãos fora do futuro. E eu estou muito cansado e muito pobre de coragem ou determinação, ou seja lá o que isso for, para dar ao velho cadáver um destino & comprar uma passagem & empacotar daqui. [...] E realmente não consigo suportar seriamente que haja alguma coisa de que eu queira me livrar ou alcançar, nenhum aumento de liberdade ou propriedade que não possa ser admitido ou assumido com um coeficiente de plausibilidade tão absurdo no miasma daqui quanto de qualquer outro lugar. Nada é tão atraente, seja ela como for, quanto a abstenção”*³⁰.

Até quando, em dezembro de 1932, finalmente, toma a decisão de partir, o faz de maneira covarde e sem certeza de que dela não se arrependerá,

*“Estou partindo [...] para algum lugar na Alemanha [...], não devo voltar, eu espero (& entre nous) por muitos meses, apesar de não ter pedido demissão do Trinity. Se eu tiver que decepcioná-los, tant pis. [...] É claro que eu provavelmente vou voltar rastejando com meu rabo enrolado em meu arruinado pênis. E talvez não.”*³¹

²⁵ SB para Thomas MacGreevy, 14 de novembro de 1930. TLSB, p. 54-55.

²⁶ SB para Thomas MacGreevy, 11 de março de 1931. TLSB, p. 72

²⁷ SB para Thomas MacGreevy, 25 de janeiro de 1931. TLSB, p. 62.

²⁸ SB para Thomas MacGreevy, 24 de fevereiro de 1931. TLSB, p. 68.

²⁹ SB para Thomas MacGreevy, 8 de novembro de 1931. TLSB, p. 94.

³⁰ SB para Thomas MacGreevy, 12 de setembro de 1931. TLSB, p. 88.

³¹ SB para Thomas MacGreevy, 20 de dezembro de 1931. TLSB, p. 99. A carta-demissão de Beckett não foi encontrada, mas a ata do Conselho do TCD de 20 de janeiro de 1932, nos informa que “B. acabou de enviar sua demissão.” Seu substituto será A.J. Leventhal. TLSB, p. 101.

Afinal, Beckett não voltou rastejando para o TCD e, de fato, passou uma temporada viajando, esteve em Kassel, Paris e Londres. Nesse meio tempo, finalizou *Dream of Fair to Middling Women* e dedicou-se a buscar uma editora que publicasse seu primeiro livro ficcional de histórias curtas. Uma resposta positiva a tal publicação nunca chegou e suas histórias acabaram por diluir-se e, com outras, viraram *More Pricks than Kicks*, esse sim, mais tarde publicado pela Chatto & Windus³².

Nesse meio tempo, apesar de ter conseguido publicar alguns poemas e traduções em jornais, revistas e periódicos, Beckett paira na sombra do desemprego. Amigos tentam ajudá-lo enviando “anúncios de empregos” aos quais se candidataria, diz ele, caso “*não estivesse tão cansado e eviscerado*”³³. As raras vezes que reúne disposição para candidatar-se – “*preenchi um formulário enorme, [...]. Minhas qualificações me pareceram realmente extraordinárias quando pensei nelas todas e as anotei. Saí do lugar esperando ser chamado*” –, suas esperanças não vingam – “*Desde então [...] nada*”³⁴. Chega a brincar, “*Fico imaginando se meu pai me aceitaria em seu escritório*”³⁵, para logo depois declarar-se inapto até mesmo para tal, “*eu simplesmente não conseguiria fazer o trabalho*”³⁶.

Nesse período, portanto, o que resta ao Beckett desempregado é sobreviver daquilo que recebe dos generosos “*olhos azuis de casa*”³⁷, ou seja, de seu pai. Sua situação financeira vai de mal a pior, como confessa a um amigo, “*gostaria de já tê-lo pago, mas não encontrei trabalho e dependo do meu pai para tudo*”³⁸. Ainda assim, a família tenta não pressioná-lo, “*Eles não falam nada sobre eu arranjar um trabalho e eu começo a ficar impérvio à inquietude deles*”³⁹. É só com o falecimento prematuro de seu pai⁴⁰, que vemos Beckett mudar sua atitude e passar, ele mesmo, a pressionar-se em busca de um emprego, “*Em um momento de jorro, candidatei-me ao cargo de assistente na National Gallery, Trafalgar Square*”, e contentar-se,

³² Em 24 de maio de 1934.

³³ SB para Thomas MacGreevy, 18 de agosto de 1932. TLSB, p. 119.

³⁴ SB para Thomas MacGreevy, 4 de agosto de 1932. TLSB, p. 112.

³⁵ SB para Thomas MacGreevy, 4 de agosto de 1932. TLSB, p. 112. Beckett & Medcalf é a empresa de inspetoria de seu pai na qual seu irmão, Frank Beckett, estava trabalhando após o retorno de uma temporada de 3 anos na Índia.

³⁶ SB para Thomas MacGreevy, 18 de agosto de 1932. TLSB, p. 119.

³⁷ SB para Thomas MacGreevy, 18 de agosto de 1932. TLSB, p. 118.

³⁸ SB para Thomas MacGreevy, 13 de setembro de 1932. TLSB, p. 121.

³⁹ (“*Inquietude*”) SB para Thomas MacGreevy, 13 de maio de 1933. TLSB, p. 158-159.

⁴⁰ William Beckett sofre um ataque cardíaco em 22 de junho de 1933 e morre quatro dias depois.

“Acho que ficaria feliz lá por um tempo”⁴¹. A iniciativa, no entanto, não se concretiza e ele abre o leque de possibilidades, “Pensei em trabalhar como aprendiz em alguma agência de publicidade em Londres”, e até a dedicar-se novamente aos estudos, já que na Inglaterra “talvez haja uma faculdade de publicidade” e assume, “Eu não entendo droga nenhuma sobre o assunto, mas isto tem estado na minha cabeça por um longo tempo”. O que parece realmente pesar nessa radical ideia não é tanto a oportunidade profissional, mas o prospecto de, mais uma vez, escapar de Dublin, “Ao menos isso me tiraria daqui por um tempo”⁴².

Beckett efetivamente muda-se para Londres, mas não por motivos profissionais e sim, por conta de sua saúde mental. O sofrimento com a morte de seu pai agrava sua instabilidade psíquica e os, já então presentes, ataques de pânico, multiplicam-se. À época, tratamentos terapêuticos eram ilegais na Irlanda. Logo, no início de 1934, com o apoio de sua família, Beckett vai para a Inglaterra tornar-se paciente do psicoterapeuta W. R. Bion. Nesse e no ano seguinte, vai viver entre Londres e Dublin, vai começar a escrever seu primeiro romance, *Murphy* e vai ver seu livro de poemas *Echo's Bones and Other Precipitates* ser publicado⁴³.

Em 1936, por conta, dessa vez, de sua frágil saúde física – ele sofria, dentre outros males, de uma doença do pulmão –, Beckett retornará à sua cidade natal. E, mais uma vez em Dublin, prontamente voltará a considerar novos rumos para sua carreira e vida. Passa a interessar-se por cinema, agradando-lhe a ideia de poder usufruir das “execrações em outro plano”⁴⁴ que não o literário. Chega a enviar um pedido de admissão a *Moscow State School of Cinematography*, “Não tenho experiência de trabalho em estúdio e é naturalmente nas áreas de cenário e edição que estou mais interessado”. Em sua carta ao renomado diretor Sergei Eisenstein, lemos, “estou ansioso para ter contato com sua maestria no assunto e lhe peço que me considere um cineasta sério e digno de admissão na sua escola”⁴⁵. Sem qualquer resposta à sua candidatura, volta a flertar com o escritório da família, nessa época tocado por seu irmão, “Estou pensando em perguntar ao Frank se ele precisa de selos lambidos em *Clare Street*”, e com uma amargura sarcástica, reafirma sua inaptidão para tanto, “Apesar de temer que minha presente saliva

⁴¹ SB para Thomas MacGreevy, 9 de outubro de 1933. TLSB, p. 166-167.

⁴² SB para Thomas MacGreevy, 5 de dezembro de 1933. TLSB, p. 171.

⁴³ Em dezembro de 1935.

⁴⁴ SB para Thomas MacGreevy, 29 de janeiro de 1936. TLSB, p. 305.

⁴⁵ SB para Sergei Eisenstein, 2 de março de 1936. TLSB, p. 317.

*queime buracos no envelope*⁴⁶. Mas a mais surpreendente de todas as opções profissionais cogitadas – diante de seu conhecido medo de aviões – é voar, atividade essa que ele chamou de “o próximo bocado de excitação”. Vemos Beckett ponderar, “*Espero não ser muito velho para começar seriamente, nem muito burro com máquinas para me qualificar como piloto comercial*”, isso porque, destila, “*Não quero passar o resto da minha vida escrevendo livros que ninguém lerá*”⁴⁷.

Nesse momento, Beckett já havia finalizado *Murphy* e começado a percorrer aquele que se mostraria um longo caminho de rejeições até a efetiva publicação de seu livro⁴⁸. As recusas, inúmeras e uníssonas, podem ser resumidas em um diálogo entre Beckett e seu irmão, narrado em uma carta,

“ele disse ‘Por que você não consegue escrever do jeito que as pessoas querem?’, quando eu retruquei que só sabia escrever do único jeito, i.e., o melhor que eu podia (não é a resposta certa, aliás, não é mesmo a resposta certa), ele disse que, ainda bem, para ele, que ele não se sentia obrigado a implementar um tal espírito na Clare Street, no. 6.⁴⁹ Até minha mãe começa a me olhar de soslaio. Já está mais do que na hora de eu ir embora daqui.”⁵⁰

E foi assim que, mesmo sem qualquer resposta afirmativa a respeito da publicação de seu primeiro romance, Beckett partiu de Dublin para uma nova temporada no exterior. Ao longo dos sete meses em que viajou pela Alemanha, “*com a caridade de um ordenado para sobreviver vindo regulamente todo mês*” de casa, a sensação de incerteza permaneceu reinante, “*acho que nunca vou aprender o que fazer com a parcela de vida que me coube*”⁵¹.

Da mesma maneira que partiu, voltou para Dublin ainda em busca de um editor e de um trabalho, “*Geoffrey me enviou um anúncio para o posto de tradutor do francês em Genebra para uma ‘organização não-comercia’l [...] E Ruddy me enviou um anúncio para o posto de professor de italiano na Cidade do Cabo*”⁵². A ambos candidatou-se e, para não variar, em nenhum deles foi aceito. Não eram, entretanto, cargos ou lugares que lhe despertavam qualquer interesse em particular, “*Estou realmente indiferente a onde ir ou a o que fazer, já que não pareço mais querer ou ser capaz de escrever*”. Ainda assim, a certeza de sua qualidade de

⁴⁶ SB para Thomas MacGreevy, 5 de março de 1936. TLSB, p. 320.

⁴⁷ SB para Thomas MacGreevy, 26 de julho de 1936. TLSB, p. 362.

⁴⁸ Em 7 de março de 1938.

⁴⁹ Sede social de Beckett & Medcalf Inspetores.

⁵⁰ SB para Thomas MacGreevy, 7 de agosto de 1936. TLSB, p. 366.

⁵¹ SB para Thomas MacGreevy, 18 de janeiro de 1937. TLSB, p. 428.

⁵² SB para Thomas MacGreevy, 5 de junho de 1937. TLSB, p. 502.

escritor, essa sim, perseverava, “*sejamos modestos e digamos que*” a falta de capacidade ou inspiração lhe era ausente apenas “*por ora*”⁵³.

É somente no final de 1937 que o futuro começa a abrir-lhe suas portas. Após uma grave briga com a mãe – a gota de muitas águas –, Beckett parte definitivamente para Paris, cidade essa que o acolherá até o fim de sua vida. Lá receberá, depois de um ano e meio de quarenta e duas rejeições, um telegrama anunciando que seu romance *Murphy* foi finalmente aceito pela editora Routledge⁵⁴. E a partir de então, afora uma última curiosa menção a um “bico” que faz,

*“Joyce me pagou 250 francos por aproximadamente 15 horas de trabalho em suas provas. Nem preciso dizer que isso fica entre nós. Ele então suplementou esse valor com um sobretudo velho e 5 gravatas! Eu não recusei. É tão mais simples ser magoado do que magoar”*⁵⁵;

o Beckett desempregado e em busca de lugares para os quais possa fugir ou empregos que lhe garantam alguma estabilidade financeira morre. E até o fim de sua correspondência publicada, cujo marco se dá no ano de 1940, não haverá futuras menções a ele.

⁵³ SB para Thomas MacGreevy, 4 de agosto de 1937. TLSB, p. 530.

⁵⁴ “*É a você que devo agradecer e então, J.B. Yeats.*” SB para Thomas MacGreevy, 10 de dezembro de 1937. TLSB, p. 566. Yeats havia recomendado a publicação de *Murphy* a pedido de MacGreevy.

⁵⁵ SB para Thomas MacGreevy, 22 de dezembro de 1937. TLSB, p. 574.